

DE MARIA DÉA A BONITA: A “DONA” DO REI DO CANGAÇO

Irio José do Nascimento Germano Júnior; Profa. Dr.^a Maria Edileuza da Costa.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), iriogermano@gmail.com.

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a personagem Maria Déa/Bonita com foco na construção da identidade feminina na peça literária “Lampião”, de Rachel de Queiroz. Buscar-se-á, para a interpretação da obra, estudar a identidade, questões de gênero e o feminino. A história ocorre, de maneira incipiente, com a protagonista supracitada que após aceitar um convite do rei do cangaço, abandona os filhos e o esposo para segui-lo. Destarte, Maria Déa deixa este nome e ganha um codinome entre o grupo de jagunços, e passa a ser chamada de Maria Bonita. Após isso, um novo olhar analítico imerge-se, já que identidades se inter cruzam. Além do mais, as concepções ideologizadas influenciam subjetivamente o gênero a partir de uma perspectiva sociocultural. Sendo assim, destaca-se que a esposa, pacata, com filhos e inferiorizada, altera sua imagem patriarcal, inclusa no lar. Isso corrobora para uma “desaquietação”. Maria é uma mulher desenraizada em sua forma de pensar/agir, porém ainda permanece a mercê do seu cangaceiro. O enredo apresenta uma perspectiva da personagem fragmentada, com hábitos e ações que tomam forma díspar de um gênero essencialmente “dominado”, no decorrer da obra. Assim, os estudos neste entendimento transmitem uma imagem social inter cruzada por meio de uma produção literária que confronta a cultura “privada” da mulher/personagem. Para pertinência do exposto, é necessário residir informações contextualizadas a partir das ações da personagem. Este trabalho é um convite a conhecer a figura de Maria Déa/Bonita pela ótica Racheliana.

Palavras-chave: Maria Déa/Bonita, gênero, identidade, feminino.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a personagem Maria Déa/Bonita com foco na construção da identidade feminina na peça literária “Lampião”, de Rachel de Queiroz (2005). Torna-se pertinente compreender as convicções implícitas e explícitas sobre o que respalda o feminino e inter-relacionar ao campo de conhecimento da identidade e do gênero. O gênero feminino tanto no limiar histórico quanto no teatro fictício cogita de uma herança cultural de inferioridade. Nessa razão, a partir do texto literário supracitado um novo olhar imerge-se para a protagonista, já que identidades se inter cruzam; mulher/personagem; modelo/imitação; comunhão/liberdade. Mediante o exposto, Zolin (2003 p. 163) complementa: “[...] dominador x dominado; forte x fraco; presença x ausência; corpo x mente; homem x mulher”. É com esse pressuposto, que se percebe como o perfil feminino se arraiga e se propaga com o decorrer do tempo, já que muitas “Marias” não conseguiram ter “vez” para confrontar a cultura “privada” que lhes foram pré-estabelecidas.

Evidencia-se, que estas dicotomias perpetuam no enredo e culminam num enveredar de uma personagem inter cruzada por identidades que enraízam uma herança patriarcal. Pois, a personagem, possui uma imagem de submissa, do lar enquanto “Maria Déa”, mas adquire uma nova roupagem ao sair da mesmice e crença social de mulher serva do casamento ao possibilitar-se, com uma nova

identidade ao se tornar “Maria Bonita”. Para uma mulher que toma suas próprias decisões e imposições perante o olhar da sociedade que marca seu gênero, entretanto esta possui ainda hastes fixas em padrões impostos.

Toda essa construção (sociocultural) e desconstrução da personalidade feminina que tenta “fugir” dos paradigmas fixos na obra, acaba por resultar em um enlaçado de padrões e “despadrões” que “Maria” tende a revelar. Através dessa ótica, a protagonista propicia para uma (re) releitura de uma conjuntura de identidades nada concretas e imutáveis. Pois sabe-se que a identidade não é um conceito inato e sim modelado, sendo fluido e construído continuamente.

Neste norte, Rachel produz a peça chamada “Lampião”. Esta obra vem proeminir uma escrita que ultrapassa os olhares da seca e insere-se também um olhar para a identidade feminina. Ou seja, identificando a função e atuação da personagem perante a sociedade a qual se encontra, mesmo ao estar inter-relacionada subjetivamente a concepções ideologizadas/enraizadas. Nesse contexto: “Retratar as imensas diferenças históricas entre o mundo dos homens e das mulheres tem sido alvo de grandes escritores, em diferentes épocas.” (PRADO E FLERCK, 2007, p. 196)

Nessa linha de pensamento, a peça teatral “Lampião”, advém com uma delineação identitária concomitante à sociedade vigente. A conjuntura textual relata a história da personagem principal “Maria Déa”, que depois de sua decisão “libertária” configura-se como “Maria Bonita”, na qual mais do que uma alteridade no nome, percebemos uma pacata ação que se distancia do arquétipo conjugal e social. Com isso, “Maria Bonita” não só “rompe” com os paradigmas patriarcais determinados, como escolhe não viver e firmar o casamento, nem ser uma fiel dona de casa, cuidar dos filhos; como atua no desenrolar da peça como uma mulher presente em todos os acontecimentos.

METODOLOGIA

Quanto ao procedimento metodológico, esta pesquisa é bibliográfica de caráter qualitativo, já que analisa o conteúdo através do objeto de estudo, neste caso, com base na obra literária. Esta, por sua vez, vai invitar todas as teorias à discussão, relevando uma ótica analítica ao estudo de gênero, do feminino e da identidade através da peça teatral “Lampião”.

Nesse sentido, o estudo discorre em três momentos e estão reunindo teorias em atendimento à obra literária e à natureza teórico-analítica deste estudo. No primeiro momento, trata do gênero; o segundo momento relacionado com a identidade; e o terceiro momento, investigando o feminino.

Estas categorias são examinadas com a releitura da peça que será o corpus e o condutor destas análises.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resquícios de gênero

As informações introdutórias sobre o conceito de gênero vêm sendo formadas com o decorrer do tempo. Diante disso, ao associar culturalmente a categoria feminino como doméstica e sentimental, ou seja, dotada de funções ligada ao lar, objeto sexual e emotiva; e ao gênero masculino uma identidade revestida de negócios, de comando, e imposições que os caracterizaram no limiar histórico do ser acional; chegamos ao cerne deste trabalho em que o paradoxo pretende ser discutido por meio de uma obra literária. Toda esta ideologia e representação dicotômica feminina e masculina são bases alicerçadas no crivo histórico-social que foram atribuídas e inter-relacionadas ao gênero. Viana complementa: “Assim, é que fomos subliminarmente condicionados a exigir que a mulher seja frágil, delicada, incapaz [...]” (1976, p. 158). A par dessa informação, pode-se perceber que o perfil feminino tem sua posição inferiorizada, “domesticada” e distinta perante o sexo masculino.

Nesse pensamento, obter essas concepções por meio da literatura corrobora para uma interpretação e novo olhar para a peça “Lampião”, ao se fazer uma ponte de aproximações da teoria e da análise. O enredo revela aspectos peculiares direcionados ao gênero, aliás, de uma mulher desenraizada em sua forma de pensar/agir, como pode-se perceber na fala de Maria Déa ao se dirigir ao esposo Lauro. “Maria Déa: – Você devia era ter vergonha. Nem parece homem – sei lá o que parece! Tem medo de tudo, até de uma cobra morta. Se te repugna agora, que dirá quando viva! (Olha-o com nojo, abanando a cabeça.) Pois eu, que sou mulher, tive medo, mas matei. [...]” (QUEIROZ, 2005, p. 15-16).

Através da obra, é notável encontrar uma mulher díspar de um gênero “essencialmente” dominado. Pois, as suas ações e perspectivas sintetizam uma mulher excogitada de um gênero que é herdado de fragilidade e passividade. No entanto esta atribui em si uma característica tradicional de “homem”. Ou seja, a coragem e agressividade de se impor e marcar o gênero que foi estipulado culturalmente ao ser masculino, passando a ser adotado por Maria Déa, nesta breve passagem supracitada. Além de matar a cobra por capricho seu, vai mostrar a seu esposo o seu feito. E este além de estar repugnado ao ver o animal morto, nem se quer tem coragem de aproximar-se dele.

Pode-se relevar uma “desarquetipação” da figura feminina que “Olha-o com nojo”, o marido Lauro, devido ao seu medo perante a situação. Com isso, nem o considera como “Homem”, já que esta função foi constituída pelo olhar sociocultural. Conforme aponta Heleieth Saffioti (1987) apud Casagrande (2011, p. 188): “Às mulheres impõem-se a necessidade de inibir a agressividade, pois estas deveriam ser dóceis, cortadas e passivas. [...]. Os homens são ensinados a competir permanentemente e a agressividade é um componente básico da personalidade competitiva.”. Consoante isto, toda essa construção sócio-histórica herdada de coerção e entre outros patamares delineados para o comportamento masculino cavou um profundo fosso entre a ótica masculina e feminina. Concernente ao fragmento da peça supracitado nota-se um desvio de comportamento de Maria Déa ao paradigma de mulher pacata e inerte em suas decisões, já que a protagonista quebra com esta concepção arquetípica.

Torna-se pertinente perceber que Maria Déa, habita em hastes que lhe foram atribuídas, ou seja, mulher do lar, dominada. Logo após o feito, Lauro revela um discurso findado em um sistema patriarcal ao ordenar que Maria volte a fazer suas tarefas domésticas, tratando-a como uma empregada, conforme a passagem esclarece “ [...]. Lauro - Me deixe em paz, vá buscar seus filhos. ” (QUEIROZ, 2005, p.16). Nesse sentido, pode-se observar também a utilização do pronome possessivo “seus” associado ao contexto da história. Ao perceber uma exclusão do próprio esposo para/com seus filhos, ao considerar esta praxe para “sua” esposa.

A conjuntura de ações e reações manifestadas por Lauro são reflexos de uma construção histórico-ideológica de obediência. Esta mescla de dominação e exploração acaba por ser entendida como uma maneira de oprimir e ordenar não só a sua esposa, como também de demarcar o gênero masculino sobre feminino em sua categoria sócio-cultural. Nesse sentido, Saffioti apresenta uma consideração compatível com o que se tem dito: “mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam, cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo.” (2004, p. 102). Percebe-se, dessa forma, que Maria Déa não possui espaço para obter total controle de si, já que o mesmo determina, obriga o que seja feito pela protagonista.

As funções e condições configuram-se sob o autoritarismo da figura masculina. No decorrer da peça Lauro continua a insultá-la com suas falas agressivas restringindo-a de toda uma liberdade e ordenando-a a fazer tarefas domésticas. O esposo de Maria Déa começa a emitir adjetivos que caracterizam Maria Déa de maneira negativa (doida, desesperada) e traçam um teor de machismo

em seu discurso, pois além de usar o lado pejorativo ainda manda calar-se. O enunciado que impera na fala de Lauro traduz um comportamento direcionado ao comando. É o que se percebe na seguinte passagem: “Maria Déa – Você só sabe é falar. Lauro – Cala a boca. [...] Havia de acreditar nos disparates de uma doida, desesperada, sem sentimento na cara...” (QUEIROZ, 2005, p. 20-21). Sendo assim, Lauro refuta o posicionamento da esposa e além dos aspectos que este direciona a Maria Déa em ser uma mulher sem noção. Ainda coloca a personagem num teor de isenta de sentimento e atribuindo-lhe um aspecto de subjugada

A fluidez indentitária

A princípio, pode-se perceber a possível concepção de que a identidade aparece não como algo formado, exato, mas é repercutida no interior, no subconsciente. Ocasionalmente também por uma situação inusitada como o acontecimento de Maria Déa que deixa este nome e ganha um codinome com o grupo de jagunços, e passa a ser chamada de Maria Bonita. Isso acabou por provocar mudanças em sua imagem, em sua forma de agir e viver, ao apresentar a identidade com suas possíveis releituras da obra literária. Nesse sentido, é válido esclarecer que a identidade é algo que se modela com o decorrer do tempo, como lembra Hall (2006, p.7-38):

“A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...]. As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades.”

Essas configurações teóricas advêm da ocasião de analisar a obra “Lampião”. Dessa forma, a identidade de Maria Déa/Bonita, reveste-se por situações fragmentadas em sua fluidez. Após aceitar o convite do cangaceiro e abandonar não só a sua família constituída socialmente, Maria repele todo o parecer ideologizado, pivotante e acaba por conter um enlaçado de identidades. Em primeiro momento não consegue mais se enxergar como mulher que tem a obrigação de cuidar de seus filhos/marido. Com sua nova “roupagem” a mesma descarta seus filhos e considera-se: “a mulher de Lampião. ”. A “desaquetipação” acontece quando Maria adquire outras características de vida, de uma mulher desenraizada dos padrões sociais, porém ainda permanece a mercê do seu cangaceiro. A personagem em seu discurso fragmentado, menciona: “Maria bonita – Quando me determinei a ganhar o mundo com Lampião, minha vida deixou de ser minha. Se tive a coragem de

largar os meus filhos[...]. Mas eu antes era Maria Déa.... Hoje, ninguém se lembra desse nome. Agora só quem existe é Maria Bonita, a mulher de Lampião. ” (QUEIROZ, 2005, p. 52-54).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a imagem de Maria seja enquanto Déa ou Bonita é escorregadia, ou seja, não é concreta. A protagonista possui convicções de uma mulher que está a mudar de identidade, aliás distancia-se das discrepâncias sociais e deixa bem claro ao cangaceiro qual é a sua autoimagem, mesmo que seja ainda num polo submisso. Nesse sentido, as suas ações revelam-se em transformações suscetíveis. Pois, Maria torna-se esposa agora de um cangaceiro; um homem que não tem medo de cobra e não é “frouxo”, algo esperado para ela, já que antes tinha uma família oposta. Desse modo, ocorre em Maria uma quebra em sua identificação. Sendo assim, a identidade da protagonista pode ser entendida e refletida como um quebra-cabeça incompleto. Na qual, tende a trazer a qualquer momento peças (personalidade, sentimentos, características, ações) novas para compor sua imagem “(e jamais se saberá quantas)” (BAUMAN, 2005, p. 54), porém as peças fluem continuamente e parecem não ser conclusas ao estarem em constante processo de transformação.

Fica patente, desse modo, notar a concepção díspar de Maria Déa projetada para Lauro, na qual a própria identidade do seu antigo marido resulta de um estranhamento, pois o teor da ausência de valentia, e de conter hábitos monótonos é entendido pela protagonista como algo de impugnação. Já que Lauro mesmo possuindo uma maneira de agir com desrespeito/intolerância para Maria o mesmo possui também uma personalidade considerada pela protagonista que não é comum no homem. Esta identidade é exemplificada por Maria Déa, desse modo, sua imagem configura-se distinta dos demais conforme aponta a personagem:

“Maria Déa – Você não monta a cavalo, não enfia uma faca na cintura, não bota cachaça na boca, nunca deu um tiro na sua vida, não é capaz de fazer a menor estripulia, como qualquer outro homem. Vive aí, nessa banca, remendando sapato velho, ganhando um vintém miserável, trabalhando sentado feito mulher...” (QUEIROZ, 2005, p. 17)

Nota-se que a identidade flui e percorre o caminho do indefinido e esquivava-se do enrijecimento, do unívoco, já que “tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. [...]” (SILVA, 2009, p. 84). Consoante isto, a personalidade de Lauro é fragmentada em elementos que não culminam na ótica de Maria Déa para construção típica de um “homem”, em certos momentos. Pois os traços montar, beber, usar certos utensílios e o próprio trabalho resulta em uma conjuntura atípica/irregular de masculinidade encontrada em Lauro. Com isso, vale ressaltar,

que através desta passagem há uma troca de papéis ou valores “tradicionais” no personagem masculino e que Maria Déa coaduna em sua identidade de mulher valente e a-centrada em sua maneira de agir.

Um olhar para o feminino

Desde os primórdios da humanidade, ao homem repercutia um ambiente voltado ao trabalho, serviço intelectual; enquanto o perfil feminino inseria-se nas obrigações domésticas. Nessa razão, possibilitou-se perceber uma construção de desigualdade entre as categorias homem/mulher, pelas quais as funções e condições de cada um perpetuavam-se de um autoritarismo para um e subjuço para outra. Lutas e reivindicações de cunho feminino culminavam e expandiam-se por volta do século XIX, a fim de direitos igualitários para ambos. Ao embater as suas identidades arquetípicas a partir de reivindicações levando à tona as discussões de gênero e padrões moldados pela sociedade, esses movimentos acabam por quebrar estas ações impostas, padronizadas e ideologias equivocadas que foram enraizadas no limiar humano.

É possível compreender que o ato comunicativo literário se torna uma exímia ferramenta que identifica um novo olhar para as ideias conduzidas por mulheres de qualquer camada, raça ou empoderamento que as conduzam ativas nos processos sociais. Nesse contexto, fortalece Chanter (2011, p.15) “os primeiros argumentos feministas enfocavam a injustiça do fato de as mulheres serem excluídas de algumas atividades centrais, fundamentais da humanidade, às quais os homens pareciam estar destinados por alguma ordem natural”. Em um olhar biológico, torna-se indiscutível que os gêneros possuem diferenças, porém com o decorrer do tempo foi se ajustando ideias, valores e deveres distintos, padronizados socioculturalmente.

Nesse sentido, o enveredar do enredo da obra em análise apresenta aspectos que destacam a afronta do Marido Lauro para/com sua esposa como um gênero pacato, convicto no sentido de ter noção em trata-la como subjugada. Com isso, coloca-se como superior e dominador, permitindo-se perceber ações de exclusão com sua esposa; colocando-a em outro patamar. Conforme a passagem apresenta “Lauro – Não lhe dou uma resposta porque não respondo a doido. [...]. Ou então sossegue, sente na sua almofada, cuide da sua renda. ”. (QUEIROZ, 2005, p. 16). Em outras palavras, sua convivência não é de um posicionamento justo e estruturado. Ao deslocá-la a uma condição de mulher-sujeito para mulher-objeto, repercutindo um menosprezo “desigual” de *Lauro* perante suas formas de agir para/com as atividades traçadas para sua esposa.

CONCLUSÃO

Sendo assim, a literatura é um ambiente que corrobora para habitar retratações verossímeis no contexto sócio histórico do ser humano, por meio da arte que vai além da materialidade simples. Diante de um estudo teórico-analítico ocorreu a análise mediante questões de gênero, identidade e feminino que coabitam este espaço literário. Nessa linha de pensamento, o objetivo foi em fazer uma análise, investigando as categorias citadas com foco na personagem “Maria Déa/Bonita” da peça *Lampião* de Rachel de Queiroz. Este trabalho tem o intuito de despertar indagações e ensejos acadêmicos e investigativos. Nesse contexto, o estudo feito não se fixa, pois o teor debatido não contém limites e está continuamente aberto a releituras neste fértil campo dos estudos literários.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. (Orgs). Crítica feminina. In: _____. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Universidade do Estado de Maringá, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete. *et al.* **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. – 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.
- CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos-chave em Filosofia**, Porto alegre: ARTMED, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PRADO, N. C. do & FLECK, G. F. **Entre o realismo e a ficção: mulheres na ponta do lápis**. __In: Revista de Literatura, História e Memória _Narrativas da memória:o discurso feminino, v. 3. n.º 3, UNIOESTE, Cascavel, 2007.
- QUEIROZ, Rachel de, 1910-2003. **Lampião**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. 201p.
- SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VIANA, B. A mulher no panorama cultural brasileiro. In: **Revista Tempo Universitário**, v. 01, n. 01. Natal: UFRN, 1976.